

O MENINO É O PAI DO HOMEM

José Benjamim de Lima

“My heart leaps up when I behold
A rainbow in the sky”
(William Wordsworth)

Houve um tempo em que as coisas não andavam bem. A incômoda sensação de que chegara ao fim da linha o angustiava. Foi quando começou a exercitar o valor do silêncio e percebeu que sua vida de velho não estava sendo fiel a sua infância. Porque o sentido da velhice só se sustenta se houver nela alguma conformidade com o que se foi quando criança e jovem. O velho de hoje precisa, de algum modo, espelhar a criança de ontem.

“O menino é o pai do homem”, escreveu o poeta romântico inglês William Wordsworth. E quando desprezamos o que pode haver de positivo nisso (esqueçamos as malvadas diabruras do Brás Cubas de Machado e o pessimismo radical militante de Freud, que invertem o sinal da equação), quando desmentimos essa filiação ao contrário, e nos tornamos meras sombras do que fomos e deveríamos voltar a ser, quando nos reduzimos a figuras desfocadas pelo espelho do esquecimento, o desastre é certo. Foi aí que encontrou o sentido restaurador do silêncio: foi quando ele, o silêncio, começou a falar. Porque o silêncio fala, sabiam? E, então, sob o signo do silêncio e da urgência, começou a lembrar os tempos em que contemplar um arco-íris no céu enchia seu coração de alegria.

No início foram apenas lembranças vagas, imagens embaçadas que depois se tornaram cada vez mais claras, cada vez mais fortes, cada vez mais vivas. O menino pescador de bicicleta que fispava bagres e lambaris. O menino e o cavalo tocando o gado. O menino e a lua dançando nas sombras da noite. O menino e o vento correndo o céu anil em volteios de pipas coloridas. O menino e o campinho de futebol driblando espertezas. O menino e suas bolinhas de gude. O menino e seu caderno de anotar a vida. O menino e seus contos de fadas lidos do alto da pilha de sacos de feijão, de onde portentosos e temíveis dragões chineses cuspiam fogo pelas ventas. O menino sem medo da imensidão do mundo. Assim a infância, a juventude, isto é, o tempo que não era tempo. O tempo que voltava a falar pelo silêncio. Por que ficara tantos anos alheio a tudo isso?

Houve um tempo em que as coisas não andavam bem. Foi então que começou a gritar. Tal como o silêncio, o grito também fala. E gritou tanto que pôs para fora muito do que o angustiava e a vida, assustada, lhe devolveu

o tempo que havia sido roubado pelo esquecimento. Enquanto o alto-falante do alto do edifício da avenida propagandeava as promessas ilusórias da cidade, alternadas com a música do momento, o menino, indiferente, surdo aos apelos frívolos do consumismo incipiente, ouvia sua própria música interior e devorava seu lanche da tarde, sanduíche de mortadela aos goles de soda gasosa, como um pequeno deus sorvendo néctar.

Houve um tempo em que ser feliz não era uma procura, não era uma luta, era apenas ser. Menino livre, solto ao vento, rindo dele, do tempo, e de si mesmo. Ao resgatar esse tempo, no silêncio das lembranças e na catarse do grito, recuperou sua essência e ganhou ânimo para enfrentar a última etapa da jornada. “So be it when I shall grow old, / or let me die!” “Que assim seja quando eu envelhecer / Ou então deixem-me morrer!”
(limajb48@gmail.com)